



Amor e erotismo em “Inocente céu de cinzas”, de Cacio José Ferreira

Love and Eroticism in “Innocent sky of ashes”, by Cacio José Ferreira

Andara Kellen Reis de Almeida

<https://orcid.org/0009-0001-0017-9237>

Saturnino José Valladares López

<https://orcid.org/0000-0001-6238-9646>

Resumo: Este artigo explora as complexidades do amor, do erotismo e da poesia na obra *Inocente Céu de Cinzas – reflexos de haikai* (2020) de Cacio José Ferreira, baseando as reflexões em Octavio Paz e na influência da cultura japonesa no Brasil. Inicialmente, investigam-se os conceitos de erotismo e de haikai. Em seguida, são abordadas as perspectivas ocidental e oriental do amor, destacando as diferenças e influências. As duas primeiras partes são contextualizadas por um panorama temporal. Por fim, o artigo analisa como Ferreira traduz os conceitos mencionados em sua poesia, na contemporaneidade, explorando o amor como uma experiência que transcende o físico e busca conexões espirituais e emocionais, enquanto utiliza a natureza como metáfora para estabelecer os mistérios do amor e do erotismo. Na conclusão, o trabalho ressalta a interseção da tradição japonesa e perspectivas com fonte de compreensão verticalizada das temáticas, enriquecendo a apreciação da natureza humana e suas expressões amorosas.

Palavras-chave: amor; erotismo; poesia haicaísta; Cacio Ferreira; *Inocente Céu de Cinzas*.

Abstract: This article explores the complexities of love, eroticism, and poetry in the work *Innocent Sky of Ashes* (2020), by Cacio José Ferreira, basing in reflections on Octavio Paz and the influence of Japanese culture in Brazil. Initially, the concepts of eroticism and haiku are investigated. Then, the Western and Eastern perspectives of love are addressed, highlighting the differences and influences. The first two parts are contextualized by a temporal panorama. Finally, the article analyzes how Ferreira translates the concepts mentioned in his poetry, in contemporary times, exploring love as an experience that transcends the physical and seeks spiritual and emotional connections, while using nature as a metaphor to establish the mysteries of love and eroticism. In the conclusion, the work highlights the intersection of Japanese tradition and perspectives as a source of verticalized understanding of the themes, enriching the appreciation of human nature and its expressions of love.

Keywords: Love; Eroticism; Haiku Poetry; Cacio Ferreira; *Innocent Sky of Ashes*.



INTRODUÇÃO

A literatura tem sido um campo fértil para explorar a complexidade das emoções humanas, especialmente quando se trata de temas tão intrínsecos como o amor e o erotismo. Esses desempenham papéis sociais e aparecem como protagonistas em todos os lugares e em todas as épocas, podendo ser expressos por poesias.

Como afirmado por Octavio Paz, em seu ensaio *A dupla chama: Amor e erotismo*, de 1984, apesar da diferença de concepção amorosa entre sociedades, em todas, sem exceção, os comportamentos sociais vão apresentar os primeiros aspectos do amor. Um exemplo ilustrativo disso é o romance escrito por Murasaki Shikibu no começo do século XI, *O conto de Genji*¹, na qual a poesia desempenha um papel crucial na representação da sociedade amorosa da corte japonesa.

Essa afirmação é fundamentada porque os personagens frequentemente se comunicam por meio de poemas e os sentimentos mais intensos das situações dramáticas são expressos poeticamente, de maneira que os elementos da natureza fazem parte da estrutura que orna toda a poesia. Esses elementos naturais, como o sol, a lua, as flores e os ventos, são habilmente entrelaçados na narrativa, enriquecendo a experiência retórica e ampliando a compreensão do amor dentro do contexto cultural. Portanto, é possível afirmar que “o romance – que é poesia à sua maneira – tem sido constante veículo do sentimento amoroso” (Paz, 1994, p. 49).

Nessa linha de pensamento, Paz afirma que os sentimentos podem ser expressos por meio da poesia, onde os dois elementos se convertem em um sistema único. Assim percorre essa senda:

Para mim, a poesia e o pensamento são um sistema único. A fonte de ambos é a vida: escrevo sobre o que vivi e vivo. Viver também é pensar e, às vezes, atravessar essa fronteira na qual sentir e pensar se fundem: isso é poesia. [...] a poesia como o testemunho de sentido: suas imagens são palpáveis, visíveis e audíveis. (Paz, 1994, p. 07-11)

¹ *O conto de Genji* é uma obra literária clássica japonesa escrita por Murasaki Shikibu no início do século XI. Narra a vida e os amores do príncipe Hikaru Genji, conhecido por sua beleza e talento, e oferece um retrato detalhado da vida na corte imperial japonesa durante o período Heian.

Ao destacar a fusão entre sentir e pensar na poesia, revela-se a profundidade da expressão artística. Nessa sinergia entre emoção e reflexão, surge o haicai, tão intrinsecamente ligado à essência amorosa da vida desde a gênese do romance, mesmo que de forma sutil. No haicai, breves versos capturam momentos expressivos da natureza. É como se fossem pétalas de um crisântemo desabrochando na brisa do amor ao longo dos séculos.

Essas pétalas que continuam seu desabrochar em uma jornada até o século XXI, enfrentando fronteiras geográficas e temporais, alcançam seu espaço na obra *Inocente Céu de Cinzas - Reflexos de Haicais*, 2020, do poeta Cacio José Ferreira. Aqui encontramos uma obra que se destaca por sua abordagem poética e reflexiva mergulhando nas profundezas dos sentimentos através do haicai. O autor revela uma fronteira por dois sentidos: a reflexiva dos pensamentos e sentimentos, sejam palpáveis, sejam visíveis, ou sejam audíveis; e a interculturalidade poética entre Japão e Amazonas que se revela em imagens. Todos esses aspectos são dados por sua vívida experiência humana.

O presente artigo aprofunda a compreensão somente da primeira perspectiva, estabelecendo uma relação com as concepções de amor e erotismo apresentadas por Octavio Paz. Embora esses dois aspectos se afastem da forma tradicional do haicai, incorporando elementos que contém sentimentos, Ferreira consegue transbordar os limites da natureza, acolhendo também assuntos jocosos e eróticos. Portanto, o haicai pode, de fato, incluir esses elementos na visão do leitor, uma vez que este desempenha um papel interpretativo fundamental, visto que o haicai “[...]estimula a livre associação de ideias. Todos os elementos do haicai tendem a despertar uma emoção estética através da sugestão [...] chegando a propor uma visão incompleta que o leitor desenvolverá livremente” (Paz, 1987, p. 07).

Contudo, se questiona se seria possível o haicai, em sua forma canônica, capaz de capturar os matizes da estética poética além da sua essência? e, se ao fazer isso, se perde o que é chamado de poesia haicaísta?. Isso suscita uma breve discussão sobre o seu potencial.

O haicai tradicional, originário no Japão, é conhecido por sua estrutura rígida de 17 sílabas, distribuídas em três versos, de 5-7-5 sílabas, respectivamente. Sua essência captura o momento efêmero da natureza dentro de um padrão estabelecido, com contemplação de simplicidade em forma cíclica. Além de

sempre apresentar elementos da natureza, ele geralmente vem junto com o *kigo* (palavras que representam as estações do ano).

Contudo, ao aportar no Brasil, o haikai teve difusões por diversos fatores, seja pela imigração, pelas readaptações europeias, ou até pela regionalização, o que acabou ocasionando duas vertentes: as livres e a tradicional. Assim, “o haikai segue se adaptando a contextos diferentes, podendo relativizar a rigidez da forma” (Brasil de Sá *in* Hashimoto, p. 11). Essas mudanças e transformações não ocasionam a perda da essência do haikai, mas sim, são experimentadas como um fenômeno sincrônico. E é esse valor artístico que Ferreira carrega em sua essência. Ainda, “[...] levando em consideração as ideias em relação à ressonância poética da imagem além das palavras no haikai, a poesia, de fato, atua sobre a mente consciente do indivíduo, proporcionando por meio da expressão de forma retórica e lírica” (Nishikido, 2023, p. 16).

Portanto, o haikai se expandiu para além de seus limites, permitindo interpretações mais amplas e criativas. Nesse sentido, os poemas de Cacio José Ferreira resultam em um potencial enriquecimento da tradição haicaísta, pois ele incorpora elementos regionais brasileiros e contemporâneos, explorando novas temáticas e experimentações formais sem abandonar a essência contemplativa e natural do haikai. Ferreira consegue, assim, transcender a barreira entre o clássico e o moderno, promovendo uma fusão única que enriquece o patrimônio literário tanto do Brasil quanto do haikai em si. Seus versos são um exemplo de como a tradição poética pode evoluir e se renovar, mantendo-se relevante e significativa, principalmente como exemplar transformação poética no norte do país.

A seleção dos poemas em *Inocente Céu de Cinzas – Reflexos de haicais* foi motivada pela abordagem do poeta que advoga por uma vertente mais livre, permitindo uma hermenêutica mais ampla. Além de que não há um estudo aprofundado sobre a produção do poeta, podendo este, levantar um desvelo dos pesquisadores sobre a obra. Portanto, optou-se por analisar sete poemas significativos do livro, desde a perspectiva do amor e do erotismo.

Assim, estaremos concentrados na interpretação dos haicais de Ferreira, utilizando as lentes conceituais oferecidas por Octavio Paz para enriquecer a compreensão desses temas. Este artigo busca oferecer uma contribuição significativa para o entendimento das complexidades do amor e do erotismo na

literatura, utilizando como ponto de partida os haicais como guias interpretativos. Inicialmente, abordarei a definição do erotismo, seguida pela conceituação do amor e, por fim, a análise dos haicais em questão. Ao fazer isso, esperamos não apenas elucidar os temas abordados, mas também enriquecer o diálogo crítico sobre a natureza dessas emoções universais, visto que “*Inocente Céu de Cinzas* concentra a pureza de sentido universal da poesia” (Valladares, 2020, p. 09).

UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DO EROTISMO

Como definido por Octavio Paz (1994), o erotismo não é mera sexualidade animal, mas sim o desejo sexual e alguma coisa a mais. O além erótico resplandece o aqui e o agora, como uma sinfonia celestial. Todas as mulheres e todos os homens já se viram imersos nesses instantes: é uma porção do paraíso que nos é concedida; a nossa razão. Ainda, Georges Bataille (1987) afirma que a essência do erotismo reside na transgressão, sendo esta a sua característica fundamental. Portanto, é inerente afirmar que o erotismo é uma força vital exclusivamente humana. Além de transcender os impulsos animais, ele ergue-se como uma expressão singular da alma, entrelaçando o físico e o espiritual em um conjunto íntimo.

Dessa maneira, o erotismo conecta com as profundezas do cosmos, revelando-nos como seres dotados de uma sensibilidade única e transcendente. É como se nossos corpos fossem

rios poderosos ou como montanhas pacíficas, imagens de uma natureza por fim satisfeitas, surpreendida nesse momento de paz com o mundo e conosco que se segue ao gozo sexual. Felicidade solar: o mundo sorri. Por quanto tempo? O tempo de um suspiro: uma eternidade. Sim, o erotismo se desprende da sexualidade, transformando-a e desviando-a de seu fim, a reprodução; mas esse desprendimento é também um regresso – o casal volta ao mar sexual e mistura-se em seu menear infinito e aprazível. Ali recupera a inocência dos animais. O erotismo é um ritmo: um de seus acordes é separação, o outro é regresso, volta à natureza reconciliada. (Paz, 1994, p.14)

Aqui, o agente da transformação é a imaginação. É uma variação incessante, que permeia todas as esferas da existência humana: emocionais, intelectuais e espirituais. É o que transcende o pessoal.

Dessa maneira, o erotismo floresce em territórios poéticos, podendo ser expresso pelo haikai. Nessa forma de arte, as palavras se fundem com a profundidade dos sentidos, permitindo que a imaginação explore os recantos mais íntimos do homem ou da mulher. Poetas haicaístas, ouse citar Kagano Chyo-jo, também capturaram a essência do desejo em suas breves composições:

Lírios em flor
quando a pele de uma mulher
brilha através do crepúsculo. (Chiyo-jo, 2013, sem página).

Luar de outono
O que vestir faz a moça
ficar mais bela (Chiyo-jo, 1996, p. 415).

Nessa jornada pela expressão do erótico, o haikai se revela não apenas como uma forma de poesia, mas como um espelho da alma, refletindo os anseios mais profundos do ser, como podemos ver nos versos do poeta Zemaria Pinto em *Corpoenigma*, de 1994:

Olhos da epiderme
passeiam sobre a varanda
anseio e calor (Pinto, 1994, p. 13).

O haikai capta com intensidade as nuances do desejo, transformando imagens simples e cotidianas em manifestações poéticas do erotismo. Em outras palavras, o haikai, assim como erotismo, é uma jornada sensorial e espiritual. Assírio e Alves assim definiu o haikai:

Resultante em grande parte da contemplação da beleza e comportamentos da natureza, este estilo poético assume-se como fenômeno que transcende o pessoal, é puro presente, é um momento suspenso, eterno em si, mas que não volta a acontecer. [...] No final da breve leitura do poema, o leitor arrisca-se a ser percorrido por um calafrio que não poupará nenhuma célula do seu corpo; [...] O haiku, revela-se como um perfeito veículo poético através do qual são postos em movimento inesperados paradoxos e ambivalências que se vão despojando de quase toda a roupagem. Este jogo dará ao leitor a oportunidade única de despertar mecanismos mentais adormecidos, não racionais, capazes de revelar através de associações atípicas, o que ainda continua oculto na mensagem [...] que pode muito bem ser algo que tenha a ver com a transcendência do efêmero ou com o eterno inverbalizável ou... com o que quer que seja. (Alvin, 2016, p. 50)

Ainda no contexto de definição, no ensaio *A poesia de Matsuo Bashô* (1954), Octavio Paz divide o haikai em duas partes: uma “da condição geral e da ubiquação temporal ou espacial do poema (outono ou primavera, meio-dia ou entardecer, uma árvore ou um rochedo, a lua, um rouxinol)”; e a outra, “relampejante, deve conter um elemento ativo”. Portanto, afirma que o haikai é “uma pequena cápsula de poesia, capaz de fazer saltar a realidade aparente” (Paz, 1995, p. 46).

Nesse sentido, percebe-se que o haikai, assim como o erotismo, transcende os limites da mera expressão poética e/ou sexualidade animal, elevando a uma jornada sensorial e espiritual. Da mesma forma, o haikai, com sua simplicidade e profundidade, reflete os anseios mais profundos da alma humana, capturando a essência do momento presente e convidando a contemplar a beleza e os mistérios da natureza. Ambos – erotismo e haikai – são formas de arte que levam a um estado de contemplação, oferecendo um vislumbre da eternidade dentro do efêmero.

Essa brevidade perene se manifesta no corpo/objeto desfeito nos versos de Ferreira, mostrando-se em harmonia plena com o universo, numa imitação essencial para a total fusão entre ser humano e natureza. Dessa forma, ele se mescla aos componentes: a chuva, a nuvem, a flor, o vento, o rio... são todos elementos naturais, assim como a própria manifestação do erotismo, ou até mesmo, a personificação da mulher... ou do homem:

Cerejeiras adornam o rio
Ipês jogam tinta no gramado
Duelam primavera e inverno (Ferreira, 2020, p. 19).

Diferente de Chiyo-jo e Zemaria Pinto, o erotismo nos versos de Ferreira possui uma sensibilidade quase tangível, que se insinua através das metáforas e das imagens naturais, mas que ao mesmo tempo permanece implícito. Ferreira, assim como os dois poetas mencionados, utiliza a natureza para refletir os estados emocionais, mas seu enfoque é mais sutil, menos direto. O seu erotismo se manifesta de uma maneira mais íntima e pessoal.

Assim, ao explorarmos o erotismo nos haicais de *Inocente céu de cinzas – Reflexos de haikai*, encontramos não apenas palavras, mas sim fragmentos de nossa própria jornada, encapsulados em versos delicadamente tecidos.

UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DO AMOR

Ao explorar as ideias da filósofa grega Diotima sobre o amor em *O Banquete* de Platão, somos confrontados com a complexidade subjacente a esse tema. O amor não é facilmente definível, discorrer sobre ele implica em lidar com uma mistura complexa de elementos. O amor não se contenta com definições simples, desafiando qualquer tentativa de estagnação; vai além da mera atração pela beleza humana, pois está sujeito ao tempo e a sociedade, mas também transcende essas restrições, sendo uma força que atravessa fronteiras e se mantém atemporal.

No ocidente, fazemos referência à concepção platônica do amor, que está associada a uma noção de alma individual. Essa aventura individual envolve a contemplação das formas ideais e a aspiração por algo maior do que o mundo material. O amante platônico busca transcender as limitações do mundo físico e alcançar um estado de conexão espiritual com a verdade e a beleza.

Um uso recente do termo “amor” encontra-se em *A dupla chama: amor e erotismo* de Octavio Paz (1984, p. 37): “o amor nasce da visão de um corpo belo, os graus do amor vão do físico ao espiritual, a beleza do amado como caminho para a contemplação das formas eternas”. A singularidade do estilo amoroso platônico fica ainda mais nítida quando se comparado com a concepção de amor cristão que, por sua vez, “busca o amor à imagem de Cristo, que se transforma em carne para nos salvar” (Paz, 1984, p. 92). Seu sacrifício na cruz é considerado o maior exemplo de amor, demonstrando uma entrega total pelos outros, independentemente do custo pessoal, até mesmo além da morte. Esse tipo de amor transcende as emoções ou os sentimentos passageiros. É uma escolha consciente de buscar o bem-estar e a salvação. A citação de Octavio Paz amplifica a compreensão sobre uma terceira concepção, o amor humano:

O amor humano, tal como o conhecemos e vivemos [...] nasceu da confluência entre o platonismo e o cristianismo e, também, de suas oposições. O amor humano, quer dizer, o verdadeiro amor, não nega o corpo nem o mundo. Tampouco aspira a outro e nem se vê como caminhando em direção a uma eternidade para além da mudança e do tempo. O amor é amor não a este mundo, mas sim *deste* mundo; está atado à Terra pela força da gravidade e do corpo, que é prazer e morte. Sem alma - ou como queira se chamar a esse sopro que faz de cada homem e de cada mulher uma *persona* - não há amor, mas tampouco ele existe sem corpo. (Paz, 1984, p. 92)

Paz enriquece a compreensão do amor ao ressaltar sua conexão íntima com a realidade terrena e sua manifestação intrínseca na condição humana. No

entanto, estabelecer essas concepções à ideia de amor no Japão é uma tarefa complexa, pois, para esse povo, o conceito de amor é frequentemente moldado por influências como o budismo e o taoísmo.

No budismo, por exemplo, a ideia de amar todos os seres sencientes, sem distinção, reflete uma abordagem inclusiva, a busca da iluminação. No budismo, “a ênfase está na dissolução do ego e na compreensão da interconexão de todas as coisas” (Paz, 1984, p. 94), o que pode influenciar a maneira como o amor é percebido e praticado. Por outro lado, o taoísmo valoriza a aceitação e a naturalidade, sugerindo que o amor deve fluir sem esforço ou resistência. Essa visão contrasta com a abordagem mais ativa e consciente do amor encontrada no pensamento ocidental, que muitas vezes enfatiza uma conexão exclusiva entre duas almas individuais, como exemplificado no mito do andrógino.

Apesar dessas distinções, há uma coisa em comum em todo povo e em toda civilização. Todos, sem exceção, possuem poemas, canções, lendas ou contos nos quais o cerne é o encontro de dois sujeitos. Na sociedade japonesa esse encontro é retratado pela primeira vez na mitologia, através de um poema feito pelo Deus Susano, que escreve para sua esposa, a princesa Kushinada:

9

Múltiplas nuvens se elevam,
Formando múltiplas muralhas de incontáveis camadas
E frente à visão de minha amada,
Erguem uma barreira infinita
Ó, muralha de infinitas camadas (Machado, 2001, p. 23).

O poema mencionado reflete a saudade que o amante sente por sua amada. Essa problemática do sofrimento na literatura japonesa pode ser diretamente atribuída à influência do budismo. Na visão budista, o sofrimento é mais do que uma simples sensação passageira: é resultado das ilusões geradas pelo sistema cognitivo humano, levando ao apego e, conseqüentemente, ao sofrimento.

A influência do budismo na cultura japonesa se estende também à poesia haicaísta:

Caça a libélula
até onde foram as crianças
no dia de hoje? (Chiyo-jo apud Nishikido, 2002, p. 47).

Nessa forma poética, os princípios budistas de impermanência e interconexão são frequentemente intrincados a natureza efêmera do amor, como visto no poema de Chiyo-jo. Em *O Livro de Haikais* (1987), essa ideia é explorada como:

O hai-kai é uma espécie de satori ou iluminação: este elemento poético descobrirá, pela ação do “choque” zen-budista, essa outra emoção da alma. O mesmo pensador acrescenta que quando se toma uma coisa, ela é tomada justamente com todas as coisas. Assim, uma flor é a primavera e uma folha morta é o outono ou todos os outonos. (Paz, 1987, p. 09)

Já Octavio Paz, em seus escritos, explora o amor como uma experiência paradoxal, que une a efemeridade e a eternidade, a dor e o prazer, a busca e a descoberta. Trazendo para a nossa experiência, o haikai de Zemaria Pinto, apresenta camadas de significados, encapsula a complexidade do amor, a sua capacidade de nos guiar e nos sustentar, e a sua natureza paradoxal que é ao mesmo tempo efêmera e eterna:

Seara do tempo
tecida em gestos de amor -
sementes de luz (Pinto, 1994, p. 17).

Trazendo à baila as ideias de amor ocidental e a concepção de amor dos japoneses, enquanto o primeiro enfatiza a individualidade dentro do amor, a segunda frequentemente valoriza a interdependência entre os parceiros. Enquanto para Paz o amor é uma “incessante busca pela completude” (Paz, 1984, p. 20), para a sociedade japonesa muitas vezes se manifesta como um dever e uma responsabilidade para com a sociedade. Essas diferentes perspectivas convidam a questionar nossos próprios conceitos e preconceitos sobre o amor. Será que existe uma definição universal para esse sentimento tão complexo? Ou será que o amor é, em última análise, uma experiência profundamente individual e subjetiva, moldada por nossas próprias experiências e contextos culturais? É essa diversidade em que se depara que a compreensão do amor convida a apreciar sua complexidade e beleza em todas as suas formas. Uma coisa é certa, a sublimidade está presente em todos os tipos de manifestações do amor, como no haikai de Ferreira. Compreende-se que é uma força que se conecta com o objeto de nosso afeto e com o universo, permitindo experimentar uma sensação de integração:

Rosas brancas cintilaram
 Hodie buquê ocre
 casamento declina! (Ferreira, 2020, p. 77).

Nesse sentido, encontra-se uma reverência pela vida em suas formas mais simples e selvagens em *Inocente Céu de cinzas - reflexos de haicais*. É como se, ao amar a natureza, o poeta encontrasse um reflexo de sua própria alma, uma pureza que ressoa em seu âmago. Esse amor transcende os limites do ego. É também uma transgressão do corpo para a alma. Octavio Paz amplifica essa visão, descrevendo o amor como uma cerimônia que transforma tanto o sujeito quanto o objeto do encontro, fundada na liberdade e no mistério.

Assim, tanto o amor ocidental quanto o oriental, entrelaçados na obra de Ferreira, convidam a transcender as limitações do amor como mera emoção ou sentimento, e a percebê-lo como uma experiência que se conecta com a essência mais profunda da vida e do universo, elevando-se para além de nós mesmos. Dessa forma, o haikai também está intrincado na expressão desses sentimentos. Eis o amor, em toda a sua grandiosidade e complexidade.

11

O ENCANTO DOS VERSOS: EXPLORANDO EROTISMO, AMOR E POESIA NA OBRA *INOCENTE CÉU DE CINZAS*, DE CACIO JOSÉ FERREIRA

A relação entre erotismo, amor e poesia revela uma visão profunda da linguagem como um meio de capturar e transformar o efêmero em algo tangível, transcendendo as fronteiras da sexualidade puramente física para se tornar uma forma de representação simbólica:

A relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal. Ambos são feitos de uma oposição complementar. A linguagem – som que emite sentido, traço material que denota ideias corpóreas – é capaz de dar nome ao mais fugaz e evanescente: a sensação, por sua vez, o erotismo não é mera sexualidade animal – é cerimônia, representação. O erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora. (Paz, 1994, p. 12)

Uma metáfora que vai além do corpo para explorar os reinos da emoção e da imaginação. O poder da linguagem e da expressão artística vai além do físico, abraçando o sublime. É nesse contexto que encontramos o sublime na poesia

de Cacio José Ferreira, em que sua linguagem poética transcende o físico para abraçar a beleza e a complexidade da existência humana. Por outro lado, a sexualidade pode ser vista como uma quinta estação a atravessar o verão, o outono, o inverno e a primavera. Esses elementos são habilmente incorporados nos haicais em *Inocente céu de Cinzas*, onde o reflexo da metáfora se entrelaça com o erótico e o amor, ampliando os horizontes da compreensão e da sensibilidade.

A natureza como metáfora e a poesia como sua expressão se tornam elementos para dar voz ao haicai, transformando-o em um portal de múltiplas interpretações. Dessa forma, a metáfora da natureza se torna um elemento crucial na hermenêutica deste corpus poético:

É flor de pêssego?
Cerejeira em flor?
Iguais perfumes exalam (Ferreira, 2020, p. 24).

Com suavidade, o poema mencionado cria uma imagética que desperta sensações em torno dos elementos "flor de pêssego" e "cerejeira em flor" e evoca uma cena primaveril onde ambas exalam uma fragrância cativante. Revela-se a beleza efêmera dessas duas flores, uma visão que transporta para a efervescência delicada e transitória da estação.

Do ponto de vista expressivo, em relação ao amor e erotismo, nota-se a harmonia entre os amantes que emanam uma fragrância íntima entre os dois. O poeta apresenta uma capacidade sensitiva volátil, onde os elementos naturais se entrelaçam com os sentimentos humanos, criando uma atmosfera poética que transcende o simples entendimento e mergulha na essência da existência. Assim se manifesta: na primeira redondilha, o eu lírico realiza a descoberta e a admiração do corpo do amado, refletindo a curiosidade e a excitação de explorar os detalhes físicos e as nuances sensuais. Na segunda redondilha, em "Cerejeira em flor?", a cerejeira, que é uma metáfora para a feminilidade e a delicadeza da pele da amada, com suas pétalas suaves e sedutoras, desperta o desejo. Na última redondilha revela: "Iguais perfumes exalam". Este verso sugere uma intimidade profunda entre os amantes, onde seus corpos em êxtase emanam fragrâncias semelhantes, e representa a união física entre eles onde seus aromas se misturam em uma dança erótica de amor e paixão.

Essa dualidade interpretativa, ou melhor dizendo, multiplicidade interpretativa, é encontrada no poema. Assim, sob uma perspectiva erótica e amorosa, o haikai pode ser, e é, interpretado como uma celebração da sensualidade, da conexão íntima e da paixão entre amantes, em que todos os detalhes são explorados e apreciados em um momento de êxtase compartilhado, como no seguinte poema:

Fugaz saudade poente
 Nuvens e raios se entrelaçam
 Explodem as cores (Ferreira, 2020, p. 14).

Aqui, a combinação dos elementos causa uma sensação de melancolia suave, onde a beleza do entardecer mescla com sentimentos de nostalgia e desejo. Também alude à uma imagem do pôr do sol, criando um cenário harmonioso e romântico. A conexão física entre os amantes se entrelaça em seus elementos, nuvens e raios se conectam, “ocasionando uma mudança de estado: os amantes transcendem, pelo menos por um momento, sua condição temporal e, literalmente, se transportam a outro mundo” (Paz, 1984, p. 40). Esse êxtase culmina em uma explosão de sensações, o ápice do prazer, que se desdobra através das cores do céu. Explodem as cores.

Cinzentas nuvens de pó
 Pingos da terra profunda
 Auréola de fogo explode (Ferreira, 2020, p. 14).

No haikai anterior, na primeira redondilha, “Cinzentas nuvens de pó”, a imagem alude as dificuldades e desafios que os amantes possam estar passando no momento: separações, infidelidades, mentiras, disputas intermináveis, ira ou morosa melancolia. Já em “pingos da terra profunda” se manifesta um tipo de prova que os amantes têm de passar para superar esses desafios anteriores. Eles representam os pequenos gestos, as palavras ou as emoções que fortalecem o vínculo entre duas pessoas. São momentos de conexão profunda e intimidade entre os amantes. Por fim, o fogo irrompe, trazendo à baila a paixão intensa e ardente entre esses desafios. É o momento em que as emoções se inflamam e o amor se manifesta de forma vibrante, seja por encontros, entregas, momentos de sensualidade, outros de paixão. Enfim, esses sentimentos explodem.

Lua contorna o corpo
 Sombra admira a lua
 O ouro jorra na serra! (Ferreira, 2020, p. 23).

A Lua, aqui podendo ser personificada como uma figura feminina sedutora, envolve-se em uma dança íntima com seu amante, a Sombra. Este encontro transcende o físico, mergulhando em um reino de desejo e admiração mútua. A descrição da Lua contornando o corpo sugere uma paixão palpável, enquanto a Sombra, em sua obscuridade, adiciona uma camada de mistério e profundidade à cena. A união entre esses elementos naturais não é apenas carnal, mas também espiritual, fundindo-se em uma fusão de almas. Ao se fundirem, o jorrar de ouro desencadeia na união da Lua e da Sombra uma profusão de satisfação, elevando-os ao estado de completo gozo. É uma imagem poética que evoca não apenas a sensualidade, mas também a beleza dos relacionamentos íntimos.

Dois corações tenros!
 Cor e desejo se unem!
 Igual amor diverso (Ferreira, 2020, p. 25).

Neste haicai, o autor mostra a ideia de dualidade, onde opostos se encontram e se amalgamam. Essa dualidade é representada por "dois corações tenros". Contudo, neste momento fugaz, se apresenta com corações vulneráveis. A união desses corações frágeis em um só sentimento de amor ressalta a ideia de unidade, em que as diferenças individuais se fundem e se fortalecem. "Vulnerabilidade" e "fortalecimento" são expressões que descrevem o apaixonado. Aqui, a vulnerabilidade (em "dois corações tenros") se torna uma força poderosa com a união dos amantes ("cor e desejo se unem"), essa integração ressalta a ideia de que o amor é uma experiência holística. Por fim, "igual amor diverso" emerge a ideia de que o amor é uma experiência de diferentes facetas, onde a atração se dirige a uma única pessoa.

Pingos, chuva, dança
 Definem o corpo!
 Poço de poesia sensual (Ferreira, p.20, p. 34).

Esse haicai captura vividamente a essência da chuva, transformando-a em uma dança sensual sobre o corpo. "Pingos, chuva, dança" evoca uma imagem dinâmica e fluida, onde os pingos de chuva se transformam em movimentos

graciosos. A escolha de palavras é muito sugestiva, criando uma atmosfera de poesia e erotismo. O uso de "definem o corpo" sugere não apenas a fisicalidade da chuva, mas também sua capacidade de moldar e energizar o corpo, tanto literal quanto metaforicamente. "Poço de poesia sensual" encerra o haicai com uma nota de contemplação, destacando a profundidade das sensações que perpassa pela chuva e pela dança.

Minissaia, alvoroço!
Biquini cavado, fiu, fiu!
Esses estilos tesão! (Ferreira, 2020, p. 53).

Nesse haicai, a sensualidade transparece através das imagens vibrantes e das palavras provocativas, revelando a busca pelo encontro e pela fusão de energias opostas. A minissaia e o biquíni cavado não são apenas peças de vestuário, mas símbolos carregados de desejo e sugestão, provocando uma conexão entre os indivíduos. A própria índole do haicai favorece à ironia e o humor, presentes na descrição desses itens de vestuário, adicionando camadas de significado e destacando a ambiguidade da sexualidade e a complexidade das interações dos sujeitos. Além disso, o contexto social e cultural influencia profundamente a interpretação desses símbolos, refletindo as normas, os valores e as expectativas da sociedade brasileira em **14** relação ao amor, ao desejo e à intimidade. Assim, esse haicai não apenas celebra a sensualidade, mas também convida à reflexão sobre as dinâmicas sociais e emocionais que permeiam as relações humanas.

Ao refletirmos sobre a interseção entre o erotismo, o amor e a poesia, através da obra *Inocente céu de cinzas*, de Cacio José Ferreira, somos levados a um terreno fértil onde as fronteiras entre o físico e o metafórico se desfazem. Nesse espaço de expressão, a linguagem se torna uma ferramenta para capturar a essência do desejo humano e transformá-lo: três versos conseguem ecoar além do tempo e do espaço. Ao nos despedirmos desse mergulho nas águas da sensualidade e da paixão, carregamos conosco a compreensão de que a poesia de Cacio José Ferreira é, em sua essência, uma celebração da vida e de todas as suas manifestações mais profundas e ardentes.

PALAVREADO FINAL

Ao longo deste artigo exploramos as complexidades do amor, do erotismo e da poesia no livro *Inocente Céu de Cinzas*, de Cacio José Ferreira, sob a perspectiva das reflexões de Octavio Paz.

Em primeira instância, apresentamos o conceito de erotismo à luz de uma perspectiva octaviana entrelaçada ao conceito de haikai, que são semelhantes à ideia de transiência. Podemos notar que, embora o haikai tradicional não se caracterize pela expressão direta de sentimentos, concentrando-se principalmente na natureza, alguns haicais, especialmente os produzidos por mulheres, apresentavam de forma sutil elementos que poderiam ser considerados eróticos, como exemplificado por Chyo-jo. Nos dois sentidos, podemos notar que em *Inocentes Céu de Cinzas*, Ferreira traduz a essência do desejo humano, transformando-o em uma dança de palavras que evoca sensações intensas e imagens exuberantes, como a sugestão da minissaia e o biquini cavado.

Posteriormente, conceituamos o amor entrelaçado nas ideias do platonismo e do budismo. Na visão ocidental, inspirada pelo platonismo, o amor é concebido como uma busca pela transcendência das limitações do mundo físico. Por outro lado, na perspectiva oriental, influenciada pelo budismo, o amor é visto como uma busca pela compreensão da interconexão. Essas concepções refletem na obra de Ferreira unindo oriente e ocidente em suas composições. Em seus haicais, o amor é explorado como uma experiência que vai além do simples desejo físico, buscando conexões espirituais e emocionais que transcendem as fronteiras do tempo e do espaço (amor ocidental), enquanto a natureza é frequentemente utilizada como metáfora para explorar os mistérios do amor, refletindo a influência do budismo (amor oriental).

Assim, ao considerar o amor e o erotismo no livro *Inocente céu de cinzas* à luz dessas diversas influências - Octavio Paz, o platonismo e a poesia japonesa - somos conduzidos a uma apreciação mais completa e enriquecedora desse sentimento universal. É na interseção dessas tradições e perspectivas que encontramos uma compreensão mais profunda e matizada do amor, que transcende fronteiras culturais e temporais.

REFERÊNCIAS

- BATAILLE, Georges. (2004). **O erotismo**. São Paulo: Arx. (Trabalho original publicado em 1957).
- CUMMINGS, Alan. **Haiku Love**. Ed. British Museum Press, 2013.
- FERREIRA, Cacio José. **Inocentes céu de cinzas**. Manaus: Ed. Valler, 2020.
- MACHADO, Roberto Pinheiro. **Introdução a poesia moderna japonesa**. Rio Grande do Sul: Impresso na Gráfica da UFRGS, 2014.
- PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1999.
- PAZ, Octavio. A tradição do haiku. In. VERÇOSA, Carlos. **Oku: viajando com Bashô**. Bahia: EGBA, 1995.
- PAZ, Octavio. A tradição do haiku. In. VERÇOSA, Carlos. **Oku: viajando com Bashô**. Bahia: EGBA, 1995.
- PAZ, Octavio. Prefácio. In. ALIANÇA CULTURAL BRASIL-JAPÃO. **O Livro dos Hai-kais**. São Paulo: Parma, 1987.
- PINTO, Zemaria. **Corpoenigma - haicais**. Manaus: UA, 1994.
- PLATÃO. **O banquete**. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2004.

Enviado em: 28 de março de 2024

Aprovado em: 31 de julho de 2024